

Uma reflexão sobre a pessoa portadora de deficiência visual e a dança

*Valéria Maria Chaves de Figueiredo **

*Maria da Consolação Cunha Tavares ***

*Silvana Venâncio ****

Resumo Abstract

Como seria a dança sem a referência da visão? Não seria mais dança? Seria diferente? Faltariam oportunidades? A partir de nossa experiência, levantamos reflexões a respeito da dança e pessoas portadoras de deficiência visual.

Unitermos: Dança, Deficiência Visual

How would this same dance be without visual reference? Would it still be dance? Would it be different? Would there be a lack of opportunities? We are raising reflections, from our experience, about dance, the body and the visually handicapped people.

Keywords: Dance, Visual Handicap

* Mestre em Artes, Instituto de Artes da Unicamp. Professora da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física.

** Prof.^a Dr.^a da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

*** Prof.^a Dr.^a da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

Introdução

Temos percebido, nestes últimos anos, uma crescente busca na tentativa de melhorar a qualidade de vida das pessoas portadoras de deficiências. Os investimentos destinados a essa população ainda são pequenos, se consideramos que 10% da população mundial é portadora de algum tipo de deficiência.¹ A maior participação desse grupo na sociedade, além de romper com antigos paradigmas, possibilita maiores trocas de experiências, enriquecendo significativamente as relações humanas.

Segundo Bieler (1990), até os meados dos anos 70, a questão da deficiência no Brasil era encaminhada por técnicos ou pessoas responsáveis pelo assunto: "os especialistas" da área. A tônica das reivindicações firmava-se no paternalismo, no assistencialismo e na tutela.

A compaixão sedimentou, assim, os lugares da rejeição e da exclusão. Ainda percebemos todas estas posturas impregnadas na sociedade em geral e, a despeito dessa ambivalência, não podemos negar sua intervenção. As atividades

filantrópicas e protecionistas existem e são também responsáveis pela luta na garantia da sobrevivência. A partir dos anos 50 deste século, com a criação da bengala de Hoover, o indivíduo portador de deficiência visual passou a ter mais liberdade, pois esse artefato possibilitou-lhe maior independência, influenciando positivamente no seu acesso ao mercado de trabalho. Dessa maneira, ele pôde conquistar uma posição mais expressiva em todos os setores da sua vida e, de uma certa perspectiva, a igualdade e o exercício de seus direitos ampliaram-se, tanto nos aspectos legais como nos âmbitos político, educacional, cultural e social.

É evidente que as pessoas portadoras de deficiência buscam participar das atividades como um todo: trabalho, escola, lazer, entre outros, mas, na maioria das vezes, deparam com diversas dificuldades: a falta de oportunidades, os espaços inadequados, profissionais despreparados, enfim, falta-lhes um espectro de possibilidades que lhes proporcione condições adequadas e igualitárias. Também na área da dança, este quadro pouco se diferencia, existindo muitos

¹ Dado fornecido pela OMS - Organização Mundial da Saúde. CORDE. Brasília, Ministério da Ação Social, 1992.

preconceitos e poucas oportunidades.

Nossa linguagem corporal é construída a partir dos nossos sentidos, através da pesquisa, percepção, sensibilidade e reflexão sobre a ação, que se traduzem em movimento. Como poderia uma pessoa cega elaborar e criar uma dança sem o referencial do mundo como o conhecemos e entendemos? O que significaria para ela essa experiência?

Foi a partir dessas reflexões que começamos a compreender melhor um conteúdo até então por nós desconhecido. Vivenciamos este corpo que dança de uma maneira diferenciada, ou seja, que olha para a dança com um significativo mundo de sentidos, recuperando as texturas dos movimentos, muito além daquilo que nossos olhos enxergam, uma dança que questiona os modelos, os tradicionalismos, as regras impostas e os ideais do corpo. Essas pessoas nos ensinaram a repensar a dança e adquirir novas experiências.

Entrando na dança

“O olhar deseja sempre mais do que lhe é dado a ver”.

Adauto Novaes²

Os sentidos significam nossa compreensão do mundo e sem eles não há como percebê-lo. Eles definem os limites da nossa existência. A visão representa a sensibilidade mais utilizada para nossas referências e relações com o mundo que nos cerca, e os indivíduos portadores de deficiência visual estão privados dessa sensibilidade, parcial ou totalmente.

Experimentam vivências corporais diferenciadas, devido ao impedimento sensitivo, básico para o movimento. Segundo Bobath (1978), a visão é o sentido que mais nos oferece informações, sendo um fator dominante em nossas reações motoras. Sabemos que a atividade corporal é fundamental para nós, são nossas experiências de mundo e de nós mesmos. É o modo como somos e como desabrochamos. Segundo Morais (1992), somos um corpo como forma de presença no mundo e isto diz tudo. O que

² NOVAES, Adauto et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

atualmente. Mas sobrevivemos de maneira fragmentada, injusta e com poucas possibilidades de crescimento em comunidade. Assim, um novo olhar para o corpo nos possibilitará reconquistar o elo perdido entre o **ter** e **ser**. Revisar esses paradigmas que permeiam a dança é emergente. Da mesma forma, possibilitar a pessoas portadoras de deficiência visual um universo mais humano, com possibilidades e oportunidades equivalentes, nos permitirá conhecer, aprender, sentir, trocar experiências e exprimir nossos desejos indistintamente; a comunhão com o outro, com suas diferenças, é o que realmente traduzimos em uma cidadania do corpo. Um corpo coletivo é livre porque comunga, porque respeita as diferenças, porque é igual em oportunidades. Falamos da consciência de **ser** a vida.

Por outro lado

Neste momento, transparecem as experiências nas quais, no decorrer da existência, o corpo busca a sua essência. São as experiências pessoais de crescimento e da humanização da própria vida.

Somos nosso princípio e de fundamental mistério e muito

podemos aprender sobre as funções e ações de nossos corpos, mas o que nos sustenta como ser é viver em nós mesmos os nossos momentos, a cada instante.

A experiência de sermos nosso corpo é o que testemunha esta outra visão de ser sujeito; os movimentos são nossa expressão primeira, conjugam e exalam a vida do homem.

A pessoa portadora de deficiência visual restringe suas experiências, pois o mundo lhe é repleto de barreiras e limitações. Através da vivência com a dança, surge para ela a possibilidade de redimensionar seus limites e suas dificuldades, explorando melhor suas potencialidades. O movimento favorece uma busca mais ampla de **inter-ação**, ou seja, uma conjugação entre o ser e o estar no mundo, uma compreensão de totalidade da própria existência.

No momento em que a dança é percebida enquanto essência, enquanto origem, transforma-se num caminho rico para descobertas e reconhecimento corporal. Rompe barreiras, estigmas e valores, tais como: do desempenho físico, do modelo, das formas e das regras impostas, possibilitando ao indivíduo buscar na dança o seu

corpo, a sua dança, uma expressão que tem caráter próprio, mais legítima e original. Não é propriamente um estilo o que determina os padrões, mas a visão que temos dele.

O legado da dança moderna proporcionou inúmeras possibilidades, incluindo – e não excluindo – do campo da dança as pessoas “comuns” (não-dançarinas). Percebemos, atualmente, ampliarem-se cada vez mais os horizontes da dança dos “excluídos” – pessoas carentes, gordos, magros, portadores de deficiências, etc. Pensamos ser um aprendizado dialético, com disposição baseada na discussão e nas trocas.

A dança se enriquece ainda mais nesse ambiente, gerando novos processos de criação e novos olhares para os sujeitos, sem receitas pré-concebidas, mas com experiências inúmeras que refletem os universos de cada pessoa, toda sua individualidade e coletividade.

A reconstrução de novos paradigmas na dança significa o desenvolvimento de homens mais integrados na essência dela. Este resgate, elaborado a partir do potencial de cada ser humano, é um

movimento coletivo que, antes de mais nada, encontra-se dentro de nós. Com a dança, os movimentos individuais se fortalecem nas trocas, na comunicação e na expressão do gesto. O movimento é sempre um processo individual e coletivo ao mesmo tempo. “É como aprender um outro caminho”, assim disse Eugen Bavcar.³

Pensar no corpo da pessoa portadora de deficiência visual que dança, nos trouxe novas perspectivas e muitas possibilidades para instigar o olhar a olhar. Redescobrimos as fronteiras do ser individual e coletivo quando tentamos ultrapassar os limites e ir ao encontro dos caminhos que não conhecíamos, desejando descobri-los.

A dança pode romper as regras e recriá-las com outra sabedoria. Olhar para o corpo que dança é ver além do que os olhos podem enxergar, é viver e criar com a dança. Todo ser, na existência de uma coletividade, participa real e ativamente como criador de sua própria obra.

³ *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, 1996. Eugen Bavcar foi professor de Estética na Universidade de Paris e fotógrafo, tendo ficado totalmente cego aos doze anos.

Bibliografia

- ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.
- BIELER, R. B. *A questão da mulher portadora de deficiência no Brasil*. Seminário sobre "A mulher e a Deficiência". Nações Unidas, Viena, Áustria, 1990.
- BOBATH, B. *Atividade Postural Reflexa Anormal, causada por lesões cerebrais*. São Paulo, Manole, 1978.
- COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA. *Mídia e Deficiência: Manual de Estilo*. Brasília, Ministério da Ação Social, 1992.
- DUGGAR, M. P. *What can dance be to someone who cannot see?* Journal of Health, Physical Education, Recreation. Vol.39, nº 5, may 1988.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- GARCIA DE LA TORRE, J. M. *Los ciegos somos así*. Rio de Janeiro, Científico Médica, 1968.
- GOFFMAN, E. *Estigma, nota sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- GUEDES, C. M. *Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Unicamp, Campinas, 1995.
- LANGER, S. K. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- NOVAES, A. et al. *O OLHAR*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- MERLEAU - PONTY, M. *A fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.
- MIRANDA, R. *O movimento expressivo*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.
- SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- VENÂNCIO, S. *Educação Física para portadores de HIV*. Campinas, 1994, tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Unicamp, 1994.